

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

GABRIEL CARVALHO DA SILVA

**LINGUAGEM, CIVILIZAÇÃO E MORAL NO PENSAMENTO DE
FRIEDRICH NIETZSCHE**

Uberlândia
2026

GABRIEL CARVALHO DA SILVA

**LINGUAGEM, CIVILIZAÇÃO E MORAL NO PENSAMENTO DE
FRIEDRICH NIETZSCHE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Filosofia do Instituto de Filosofia da
Universidade Federal de Uberlândia como
requisito parcial para obtenção do título de
bacharel/licenciado em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Coelho da Silva

GABRIEL CARVALHO DA SILVA

**LINGUAGEM, CIVILIZAÇÃO E MORAL NO PENSAMENTO DE
FRIEDRICH NIETZSCHE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação
em Filosofia do Instituto de Filosofia da
Universidade Federal de Uberlândia
como requisito parcial para obtenção do
título de bacharel/licenciado em
Filosofia.

Uberlândia, 05 de agosto de 2026.

Comissão Avaliadora.

Prof. Dr. Fábio Coelho da Silva (IFILO/UFU) – Presidente

Prof. Dr. Humberto Aparecido de Oliveira Guido (IFILO/UFU)

Me. Bruno de Novais Oliveira (PPGFIL/UFU)

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Uberlândia (UFU), instituição que me acolheu e proporcionou o espaço necessário para o florescimento do pensamento crítico e da investigação intelectual. Expresso minha profunda gratidão ao Instituto de Filosofia (IFILO) e a todo o seu corpo docente; cada aula, debate e provocação filosófica foram fundamentais para a minha formação e para a maturação das ideias aqui expostas.

Ao meu orientador, cujas orientações foram bússolas em momentos de incerteza. Agradeço não apenas pelo rigor acadêmico e pela partilha de conhecimento, mas, sobretudo, pela paciência e pela disponibilidade constante. Em um processo que se estendeu para além do tempo convencional, sua compreensão e incentivo foram os pilares que me permitiram chegar ao final desta jornada com integridade e entusiasmo.

Aos meus pais, Isomar e Mônica, pelo apoio incondicional e por serem o suporte necessário em todas as etapas da minha vida. Sem o amparo, o carinho e a confiança que sempre depositaram em mim, a realização deste trabalho e a conclusão desta etapa seriam objetivos inalcançáveis. Devo a eles a base que sustenta quem sou hoje.

Aos amigos que a graduação me presenteou e que se tornaram figuras fundamentais em minha vida: Bruno, Virgínia, Daniel, Eduardo, Carlos, Rayane, Bárbara, Yasmin, Apollo e Felipe. Vocês são pessoas extremamente especiais que tornaram os dias na academia mais leves e significativos. Agradeço por estarem ao meu lado não apenas nas discussões teóricas, mas em todos os momentos de apoio mútuo fora dos muros da universidade. É uma honra imensa tê-los não apenas como amigos, mas também como colegas de trabalho, compartilhando a vida e os desafios cotidianos.

A todas as outras pessoas que, de forma direta ou indireta, contribuíram com a minha graduação. Cada conversa nos corredores, cada troca de materiais e cada gesto de gentileza fizeram do meu período na UFU uma trajetória mais tranquila e gratificante, atenuando os desafios inerentes à vida acadêmica.

A todos vocês, o meu mais sincero muito obrigado.

Vivemos, com efeito, numa ilusão contínua através da superficialidade de nosso intelecto: para viver, precisamos da arte a todo instante. Nosso olho nos prende às formas. Se, no entanto, somos nós mesmos a adquirir, aos poucos, esse olho, então vemos vigorar em nós próprios uma força artística. Vemos, pois, na natureza mesma, mecanismos contra o saber absoluto: o filósofo reconhece a linguagem da natureza e diz: "precisamos da arte" e "carecemos apenas de uma parte do saber".

Friedrich Nietzsche

Resumo

O presente trabalho analisa a crítica de Friedrich Nietzsche à civilização ocidental, tomando como fio condutor sua desconfiança radical em relação à linguagem. A investigação parte do pressuposto de que a filosofia nietzschiana não se resume a uma desconstrução teórica, mas oferece um caminho para a superação da decadência moral e existencial. Metodologicamente, o estudo apoia-se na análise das obras do autor e no suporte teórico de comentadores como Patrick Wotling e Carlos Alberto Ribeiro de Moura. Inicialmente, debruça-se sobre a gênese da linguagem no ensaio *Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extramoral*, revelando que a verdade não é um reflexo do real, mas uma rede metafórica e convencional que, ao ser petrificada, se torna o alicerce de um engano que define a civilização. Em seguida, a pesquisa aprofunda a relação entre a linguagem e a formação da civilização, discutindo como o processo de cristalização das palavras serve de ferramenta para o estabelecimento da moral de rebanho e a domesticação dos instintos. Analisa-se como esse cenário culmina na criação da má consciência, mecanismo que faz o indivíduo introjetar a culpa e se submeter a uma autoridade reguladora. Por fim, considera-se a vontade de potência como a resposta nietzschiana à decadência, apresentando-a não como princípio, mas como uma hipótese de leitura que interpreta a realidade a partir do corpo e da afirmação da vida. Conclui-se que, ao desmascarar a linguagem e a moral como convenções, Nietzsche abre espaço para a superação do homem decadente em favor de um novo tipo de existência, capaz de criar novos valores e afirmar a vida em sua multiplicidade crescente.

Palavras-chave: Nietzsche; Linguagem; Moral; Vontade de Potência; Civilização.

Abstract

This study analyzes Friedrich Nietzsche's critique of Western civilization, taking his radical distrust of language as a guiding thread. The investigation posits that Nietzschean philosophy is not merely a theoretical deconstruction, but offers a path toward overcoming moral and existential decadence. Methodologically, the study relies on the analysis of the author's primary works, supported by the theoretical framework of commentators such as Patrick Wotling and Carlos Alberto Ribeiro de Moura. Initially, it examines the genesis of language in the essay *On Truth and Lie in an Extra-Moral Sense*, revealing that truth is not a reflection of reality, but a metaphorical and conventional network that, once petrified, becomes the foundation of a deception that defines civilization. Subsequently, the research delves into the relationship between language and the formation of civilization, discussing how the crystallization of words serves as a tool for establishing herd morality and domesticating instincts. It analyzes how this scenario culminates in the creation of bad conscience—a mechanism through which the individual introjects guilt and submits to a regulatory authority. Finally, the will to power is presented as the Nietzschean response to decadence, understood not as a first principle, but as an interpretive hypothesis that reads reality through the body and the affirmation of life. It concludes that, by unmasking language and morality as conventions, Nietzsche opens space for overcoming decadent man in favor of a new mode of existence, capable of creating new values and affirming life in its growing multiplicity.

Keywords: Nietzsche; Language; Morality; Will to Power; Civilization.

Sumário

Considerações iniciais.....	8
Capítulo 1: O intelecto como instrumento de dissimulação: a crítica nietzschiana à verdade e à linguagem.....	11
1.1 A gênese da linguagem e a ilusão da verdade	12
1.2 O conceito como petrificação da metáfora e a lógica como engano	13
1.3 A arte como contraponto à ciência e a abertura para a moral e a cultura.....	15
Capítulo 2: A Linguagem Civilizadora: Da Metáfora Degenerada à Moral de Rebanho	17
2.1 A autoridade da moral e a negação da vontade de potência.....	18
2.2 A domesticação do indivíduo e a hipocrisia dos que mandam	20
Capítulo 3: A Moral como Semiótica da Civilização: A Formação da Má Consciência	22
3.1 O "Esquecimento de Si" e a Negação do Indivíduo	23
3.2 A Má Consciência e o Nascimento do Pecador.....	24
Capítulo 4: A Vontade de Potência: O Princípio de Interpretação e a Superação da Decadência	26
4.1 O Corpo como Fio Condutor: Uma Nova Perspectiva de Interpretação Filosófica	26
4.2 O "Pathos" da Vontade e a Superação do Homem Decadente.....	28
Considerações finais	30
Referências	32

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A obra de Friedrich Nietzsche constitui um dos mais complexos e desafiadores conjuntos filosóficos da contemporaneidade. Sua escrita fragmentária, seu estilo aforismático e a multiplicidade de temas que aborda (moral, linguagem, arte, política, metafísica, ciência e cultura) tornam sua filosofia objeto de diversas chaves de leitura, muitas vezes incompatíveis entre si. Dentre essas interpretações, algumas alcançaram status paradigmático: é o caso da leitura ontológico-existencial de Martin Heidegger; das abordagens pós-estruturalistas de Gilles Deleuze e Michel Foucault; bem como da interpretação de viés humanista e psicológico promovida por Walter Kaufmann. Cada uma dessas tradições destacou aspectos distintos do pensamento nietzschiano, contribuindo para sua disseminação e para a consolidação de sua importância no cenário filosófico ocidental.

Contudo, mais recentemente, uma nova linha interpretativa ganhou força no debate acadêmico: a leitura de Nietzsche como pensador da cultura e da civilização¹. Essa perspectiva, desenvolvida por estudiosos como Patrick Wotling², na França, e Carlos A. R. de Moura, no Brasil, propõe uma reorientação do olhar sobre o *corpus* nietzschiano, colocando em primeiro plano o papel da linguagem como aspecto decisivo para a compreensão das estruturas fundamentais que sustentam os modos de vida humana em sua história. Longe de considerar a linguagem apenas como instrumento de comunicação, essa abordagem evidencia seu caráter formativo, produtivo e normativo, ou seja, como elemento que não apenas expressa, mas também constitui o mundo humano, sobretudo em seus aspectos social e moral (Moura, 2014, p. 36-37).

¹ “Para compreender a análise nietzschiana do problema da civilização, também não se pode ater-se à oposição já bem conhecida, consagrada na língua alemã, entre *Cultur* e *Civilisation*, a primeira abarcando o domínio da vida intelectual e espiritual, e a segunda remetendo às condições materiais e práticas que caracterizam a vida de uma sociedade. Nietzsche anula essa distinção ao recusar qualquer oposição entre teórico e prático, e repensa completamente a oposição entre *Cultur* e *Civilisation*, não mais a partir da distinção entre nobreza da vida intelectual e o simples progresso material, mas a partir de uma reflexão sobre os laços genealógicos entre atividade fundamental da vontade de potência e os diversos tipos de cultura que ela produz: a *Civilisation* torna-se assim um caso específico da *Cultur*.” (Wotling, 2013, p. 55-56).

² Para avaliar o movimento de interpretação da obra de Nietzsche na França e, em especial, a importância da leitura de Patrick Wotling, conferir Marton (2009; 2010).

Patrick Wotling, em particular, propõe que a crítica nietzschiana à metafísica, isto é, à crença em uma ordem objetiva, racional e fixa do ser, deve ser compreendida em estreita relação com o problema da linguagem. Segundo ele, a recusa de Nietzsche à ideia de verdade encontra sua formulação mais precisa na crítica ao funcionamento da conceituação, que opera por meio de processos de abstração, generalização e homogeneização do múltiplo (Wotling, 2013, p. 65-66). Em vez de refletir a realidade tal como ela é, a linguagem é entendida, por Nietzsche, como um sistema de signos que, por meio de operações metafóricas e convenções coletivas, fixa interpretações e constrói realidades (Nietzsche, 2008). Nesse sentido, compreender a linguagem é também compreender os mecanismos de produção da metafísica e da moral e, portanto, as formas de civilização.

Essa leitura se torna ainda mais relevante quando retomamos os textos de juventude de Nietzsche, como o *Curso de Retórica* e, sobretudo, o ensaio *Sobre Verdade e Mentira no sentido extramoral*. Neles, Nietzsche antecipa muitas das ideias que desenvolverá mais tarde, ao tratar da gênese das operações conceituais, da função social da linguagem como instrumento de estabilização de significados e da artificialidade dos signos linguísticos (Nietzsche, 2008, p. 30-36). Questões como “o que é uma palavra?”, “o que é a verdade?” e, ainda que implicitamente, “o que é um conceito?” revelam uma profunda desconfiança nietzschiana quanto à transparência da linguagem e sua aliança com a racionalidade. Em vez de espelho do real, a linguagem aparece como rede de metáforas desgastadas, naturalizadas pelo uso repetitivo e por meio de pactos sociais implícitos.

Nesse sentido, a linguagem não é criação espontânea de indivíduos isolados, mas um produto coletivo, historicamente constituído. As palavras não surgem do nada: são formas herdadas e sedimentadas por usos sociais. Por isso, pensar com palavras é, inevitavelmente, pensar com categorias pré-estabelecidas, moldadas ao longo do desenvolvimento de um povo. A expressão do pensamento não é, portanto, espontânea ou neutra, mas se dá dentro de estruturas linguísticas condicionadas culturalmente, o que reforça o caráter convencional, repetitivo e normativo da linguagem.

Ponderemos ainda, em especial, sobre a formação dos conceitos: toda palavra torna-se de imediato um conceito à medida que não deve servir, a título de recordação [...]. Todo conceito surge pela igualação do não-igual. Tão certo como uma folha nunca é totalmente igual a uma outra, é certo ainda que o conceito de folha é formado por meio

de uma arbitrária abstração dessas diferenças individuais, por um esquecer-se do diferenciável [...] (Nietzsche, 2008, p.34-35).

Nietzsche denuncia, assim, o caráter ilusório da pretensa correspondência entre linguagem e realidade. Ao igualar aquilo que é, por natureza, desigual, processo necessário para a formação de conceitos, a linguagem impõe uma lógica de simplificação e controle do mundo sensível, o que tem consequências diretas para a duplicação da realidade (“metafísica do povo”) e para a formação dos valores morais e das instituições culturais. Veremos a seguir que as designações linguísticas, enquanto convenções socialmente compartilhadas, participam da constituição de um horizonte comum de sentido que sustenta as estruturas civilizatórias. Como destaca Nietzsche, a estabilização dos signos verbais, a padronização dos significados e a repetição simbólica são decisivas para o funcionamento da cultura e para a consolidação da moral como instância normativa da civilização.

A moral, nesse sentido, não surge como expressão de uma racionalidade universal, mas como efeito de uma história da linguagem e dos usos simbólicos que se cristalizam ao longo do tempo (Foucault, 2018). Os signos não apenas refletem os valores de uma civilização, mas participam ativamente de sua produção e manutenção. A civilização é, portanto, inseparável de um regime de linguagem, de um conjunto de operações simbólicas que moldam percepções, organizam comportamentos e naturalizam distinções morais.

Neste trabalho, propõe-se investigar essa articulação entre linguagem, civilização e moral no pensamento de Friedrich Nietzsche, tomando como ponto de partida a crítica da linguagem desenvolvida em seus textos iniciais e acompanhando o modo como esse posicionamento se desdobra em sua genealogia da moral e da cultura. Por meio da leitura de comentadores como Wotling e Moura, busca-se evidenciar como a filosofia nietzschiana oferece estratégias e ferramentas filosóficas para pensar os fundamentos simbólicos da vida social e as formas de poder que se inscrevem nas práticas discursivas. Ao compreender a linguagem como núcleo formador da moral e da cultura, esta pesquisa pretende contribuir para um entendimento mais profundo da crítica nietzschiana à civilização ocidental, revelando os mecanismos pelos quais os valores são forjados, impostos e perpetuados.

CAPÍTULO 1: O INTELECTO COMO INSTRUMENTO DE DISSIMULAÇÃO: A CRÍTICA NIETZSCHIANA À VERDADE E À LINGUAGEM

A obra de Friedrich Nietzsche, conforme discutido em nossa introdução, oferece um conjunto de chaves de leitura que desafiam as noções filosóficas tradicionais sobre eixos temáticos como moral e conhecimento, por exemplo. Uma dessas chaves, fundamental para a compreensão de seu pensamento, reside na crítica radical à linguagem, que ele apresenta de forma contundente em seu ensaio de juventude *Sobre Verdade e Mentira no sentido extramoral* cuja repercussão acompanhará seu itinerário filosófico. Neste texto, Nietzsche não apenas questiona a pretensão da linguagem de ser um espelho da realidade, mas a expõe como um artifício humano, um mecanismo de dissimulação construído por um intelecto precário para garantir a sobrevivência de um ser frágil, da espécie.

EM ALGUM REMOTO recanto do universo, que se deságua fulgurantemente em inumeráveis sistemas solares, havia uma vez um astro, no qual animais astuciosos inventaram o conhecimento. Foi o minuto mais audacioso e hipócrita da "história universal": mas, no fim das contas, foi apenas um minuto. Após alguns respiros da natureza, o astro congelou-se, e os astuciosos animais tiveram de morrer. Alguém poderia, desse modo, inventar uma fábula e ainda assim não teria ilustrado suficientemente bem quão lastimável, quão sombrio e efêmero, quão sem rumo e sem motivo se destaca o intelecto humano no interior da natureza; houve eternidades em que ele não estava presente; quando ele tiver passado mais uma vez, nada terá ocorrido. Pois, para aquele intelecto, não há nenhuma missão ulterior que conduzisse para além da vida humana. (Nietzsche, 2008 p. 25).

Longe de ser uma faculdade sublime, o intelecto é, para Nietzsche, um "instrumento auxiliar" outorgado aos seres mais infelizes e efêmeros para que possam se conservar em um mundo inóspito. O autor nos convida a uma reflexão desconcertante ao descrever o ser humano como uma espécie animal que, por necessidade, desenvolveu a "arte da dissimulação" (Nietzsche, 2008, p. 27). A mentira, o engano e o mascaramento não são desvios morais, mas sim as principais forças do intelecto para produzir um campo de ações comuns da espécie humana. Essa perspectiva coloca em xeque a própria noção de um "impulso à verdade", que, na visão nietzschiana, seria "o mais incompreensível" dos fenômenos humanos, visto que o significado da existência do homem se funda no engano e na ilusão.

1.1 A gênese da linguagem e a ilusão da verdade

A vida em sociedade, segundo Nietzsche, demanda um “acordo de paz” para existir. Para que o estado cruel indicado na célebre fórmula de *bellum omnium contra omnes* (“guerra de todos contra todos”) seja suplantado de seu mundo, os homens estabelecem um pacto, fixando uma “designação uniformemente válida e impositiva das coisas” (Nietzsche, 2008, p. 29). Em outros termos, a linguagem nasce desse acordo social, e a verdade surge como sua consequência direta: ser veraz significa utilizar as designações convencionais. O mentiroso, por sua vez, é aquele que abusa dessas convenções para causar prejuízo, e é por essa razão, e não por um “sentimento moral” pela verdade, que ele é rechaçado pela sociedade. Como bem observou Roberto Machado (2017 p. 56),

O homem não ama necessariamente a verdade: deseja suas consequências favoráveis. O homem também não odeia a mentira: não suporta os prejuízos por ela causados. O que se proscree, o que não se aceita e não se deseja é que é considerado nocivo: são as consequências nefastas tanto da mentira quanto da verdade. A obrigação, o dever de dizer a verdade nasce para antecipar as consequências nefastas da mentira. Quando a mentira tem valor agradável ela é muito bem permitida. (Machado, 2017, p. 56).

A crítica nietzschiana, porém, não se limita ao estudo da origem social da linguagem. Ela se aprofunda na própria natureza da palavra. Segundo o autor, a palavra é a reprodução de um estímulo nervoso em sons, e, como tal, não guarda qualquer correspondência com a “coisa em si”. Segundo Nietzsche,

O que é uma palavra? A reprodução de um estímulo nervoso em sons. Mas deduzir do estímulo nervoso uma causa fora de nós já é o resultado de uma aplicação falsa e injustificada do princípio de razão. Como poderíamos, caso tão-somente a verdade fosse decisiva na gênese da linguagem, caso apenas o ponto de vista da certeza fosse algo decisório nas designações, como poderíamos nós, não obstante, dizer: a pedra é dura; como se esse “dura” ainda nos fosse conhecido de alguma outra maneira e não só como um estímulo totalmente subjetivo! (Nietzsche, 2008, p.30-31).

A linguagem verbal, portanto, não é uma ferramenta destinada ao conhecimento verdadeiro das coisas, isto é, não é a expressão adequada de realidades objetivas, mas uma complexa rede de metáforas que favorece o campo das ações humanas. Cabe interrogar, contudo, o motivo pelo qual Nietzsche

caracteriza a apreensão do objeto pelo sujeito como uma construção estritamente metafórica. Não se trata de diagnosticar uma mera incapacidade cognitiva do homem em obter uma representação mental fidedigna da realidade, o que pressuporia a existência de um 'mundo em si' objetivo aguardando para ser espelhado. A apreensão é constitutivamente metafórica porque não existe uma identidade substancial ou uma correspondência lógica entre a natureza do mundo exterior e a estrutura do intelecto humano.

Esse processo de criação de metáforas é descrito a partir de duas etapas primárias: a) um estímulo nervoso é transposto em uma imagem; b) e essa imagem é, por sua vez, remodelada em um som. Em cada uma dessas etapas ocorre um "completo sobressalto de esferas", que torna a relação entre a palavra e a coisa original completamente arbitrária. Por estarem situados em domínios ontologicamente distintos, o fisiológico (estímulo), o psíquico (imagem) e o fonético (som), a passagem de uma esfera à outra não se dá por uma causalidade objetiva, mas por uma tradução estética, isto é, por uma assimilação figurativa que molda o caos sensível em formas humanas (antropomórficas). A verdade, nesse sentido, não é mais do que um "exército móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos" que, com o decorrer do tempo, se petrificaram e foram aceitas como canônicas por um povo (Nietzsche, 2008, p. 36).

Em suma, a distinção entre as esferas do estímulo nervoso, da imagem e do som é crucial para a crítica nietzschiana. Ela demonstra que a linguagem, em vez de ser um meio transparente para a realidade, é um processo de transposição e tradução que inevitavelmente produz desvios e distorções. A representação é metafórica, portanto, porque traduz uma afecção corporal em um código categorial inteiramente alheio a ela. Assim, a ideia de que "as designações e as coisas se recobrem" é uma ilusão decorrente do uso da linguagem. O processo de designar, portanto, é um ato de poder e de imposição de sentido, não de descoberta.

1.2 O conceito como petrificação da metáfora e a lógica como engano

A crítica da linguagem culmina na genealogia do conceito. Para Nietzsche, o conceito não é uma representação fiel das coisas, mas o resultado de um processo de "igualação do não-igual". Segundo Nietzsche,

Ponderemos ainda, em especial, sobre a formação dos conceitos: toda palavra torna-se de imediato um conceito à medida que não deve

servir, a título de recordação, para a vivência primordial completamente singular e individualizada à qual deve seu surgimento, senão que, ao mesmo tempo, deve coadunar-se a inumeráveis casos, mais ou menos semelhantes, isto é, nunca iguais quando tomados à risca, a casos nitidamente desiguais, portanto. Todo conceito surge pela igualação do não-igual. (Nietzsche, 2008, p.34-35).

O autor ilustra isso com o exemplo da “folha”: o conceito de folha é formado pela supressão arbitrária das diferenças individuais entre as diversas folhas encontradas na natureza, gerando a ilusão de que existe uma “forma primordial” de acordo com a qual todas as demais folhas foram criadas. Esse *modus operandi* se aplica, como exemplifica Nietzsche, ao conceito de “honestidade”, que é uma abstração de inúmeras ações individuais e desiguais, as quais, por meio da atividade do intelecto, são igualadas e reunidas sob um nome.

A filosofia, entendida como espelho do “mais orgulhoso dos homens”, ao trabalhar com conceitos e categorias, contribui para arquitetar e sustentar a duplicação do mundo e, conseqüentemente, para perpetuar um grande engano: a exaltação da ideia em detrimento do “viver e agir”. Nietzsche compara o “edifício dos conceitos” a um “columbário romano” que exibe uma “inflexível regularidade” e “dureza e frieza” próprias da matemática (Nietzsche, 2008, p. 37-38). A lógica, que busca a ordenação e a classificação do mundo por meio da razão, não faz mais do que reorganizar e hierarquizar metáforas petrificadas, ou seja, ilusões consolidadas.

Quando alguém esconde algo detrás de um arbusto, volta a procurá-lo justamente lá onde o escondeu e além de tudo o encontra, não há muito do que se vangloriar nesse procurar e encontrar: é assim que se dá com o procurar e encontrar da “verdade” no interior do domínio da razão. Se crio a definição de mamífero e, aí então, após inspecionar um camelo, declaro: veja, eis um mamífero, com isso, uma verdade decerto é trazida à plena luz, mas ela possui um valor limitado, digo, ela é antropomórfica de fio a pavio e não contém um único ponto sequer que fosse “verdadeiro em si”, efetivo e universalmente válido, deixando de lado o homem. (Nietzsche, 2008, p.39-40).

O pesquisador, iludido, busca a verdade no interior desse sistema conceitual, sem perceber que está apenas “procurando no lugar onde ele próprio escondeu”. O homem, ao construir esse “domo de conceitos”, não está descobrindo a verdade sobre as coisas, o mundo e a sua própria natureza, mas apenas “se assimilando” a ele e

"imprimindo-o" com as suas próprias formas antropomórficas, atendendo, assim, demandas próprias da espécie.

1.3 A arte como contraponto à ciência e a abertura para a moral e a cultura

Apesar do processo de duplicação do mundo, o impulso à criação de metáforas e à imaginação é indomável. Ele não está subjugado ao domínio exclusivo do conhecimento e da lógica, tampouco aos limites instituídos socialmente dos valores morais, mas encontra um novo campo de manifestação no mito e, sobretudo, como comprova o decorrer da história, nas artes.

Tal impulso à formação de metáforas, esse impulso fundamental do homem, ao qual não se pode renunciar nem por um instante, já que, com isso, renunciar-se-ia ao próprio homem, não é, em verdade, subjugado e minimamente domado pelo fato de um novo mundo firme e regular ter-lhe sido construído, qual uma fortificação, a partir de seus produtos volatizados, o mesmo é dizer, os conceitos. Ele busca um novo âmbito para sua ação e um outro regato, sendo que o encontra no mito e, em linhas gerais, na arte. Perpetuamente, mistura as rubricas e as divisórias dos conceitos ao introduzir novas transposições, metáforas, metonímias; perpetuamente, demonstra o ávido desejo de configurar o mundo à disposição do homem desperto sob uma forma tão coloridamente irregular, inconsequentemente desarmônica, instigante e eternamente nova como a do mundo do sonho. Em si, o homem desperto adquire clara consciência de que está acordado somente por meio da firme e regular teia conceitual, e, precisamente por isso, chega às vezes à crença de que está a sonhar, caso alguma vez aquela teia conceitual seja despedaçada pela arte. (Nietzsche, 2008, p.45-46).

Desde os seus registros de juventude até a sua obra madura, a arte é a resposta de Nietzsche à utilização da linguagem conceitual como ferramenta de domesticação do rebanho humano³. Em oposição ao "homem racional", o artista – ou, de acordo com *Verdade e mentira no sentido extramoral*, o "homem intuitivo" vive de forma a desestabilizar o mundo estagnado dos conceitos. A arte "estraçalha,

³ “Particularmente importante para a análise da moral, o adestramento (*Zähmung*) designa um tipo de manipulação das pulsões visando enfraquecê-las, erradicá-las até. Logo, o termo é sinônimo de domesticação ou de domaço, segundo as outras imagens zoológicas frequentemente utilizadas por Nietzsche. Adestrar, domar é uma operação que se aplica a um animal perigoso a uma fera, e consiste em torná-lo controlável, inofensivo: foi o que o cristianismo fez, por exemplo, com os representantes das aristocracias guerreiras evocadas pela primeira dissertação da *Genealogia da moral*.” (Wotling, 2011, p. 27).

embaralha e ironicamente reagrupa" o andaime das abstrações, revelando que a vida não é feita de categorias fixas, mas de intuições fluidas. Na arte, a dissimulação é celebrada, e a vida, que o intelecto havia deformado em conceitos, é representada de forma "livre e desobrigada".

O contraste entre o homem intuitivo e o homem racional abre um novo horizonte de investigação: se a linguagem e a razão são instrumentos de poder e controle que moldam a percepção do real, como elas se articulam para construir as estruturas de uma civilização? Se a verdade é uma metáfora desgastada, qual o papel dessa rede de ilusões na formação da moral de um povo? O próximo capítulo irá se aprofundar nessa questão, explorando como as considerações sobre a linguagem desenvolvidas por Nietzsche nos levam diretamente à sua crítica da civilização ocidental, mostrando que a moral não é a expressão de uma racionalidade universal, mas sim um conjunto de signos e convenções que se cristalizaram ao longo do tempo com a finalidade de promover a domesticação dos impulsos genuinamente humanos.

CAPÍTULO 2: A LINGUAGEM CIVILIZADORA: DA METÁFORA DEGENERADA À MORAL DE REBANHO

Se, com efeito, a linguagem é entendida como uma rede metafórica petrificada e a verdade como uma ficção socialmente consolidada, o passo seguinte na filosofia de Nietzsche é investigar as implicações dessa descoberta para a civilização. Este movimento exige compreender a civilização não apenas como um estágio histórico, mas como um regime de interpretação que se impõe sobre o corpo e a cultura. Como aponta Wotling (2013, p. 177), a civilização em Nietzsche deve ser lida sob o prisma da fisiologia: trata-se de um processo de seleção e modelagem de um tipo específico de homem.

Conforme a leitura proposta por Carlos A. R. de Moura, a oposição entre cultura e civilização se torna central na perspectiva nietzscheana, especialmente por expressar a ideia de decadência. A civilização, para o filósofo alemão, não é o ápice do desenvolvimento humano, mas sim o seu oposto: o resultado de um processo de domesticação do "animal homem", uma história de negação da vida e da vontade de potência⁴ em favor da segurança e do conforto do rebanho⁵. A linguagem, que se tornou um sistema de conceitos rígidos, atua como o principal instrumento dessa domesticação e institucionalização tanto do conhecimento quanto das ações humanas.

A civilização, entendida como um projeto de domesticação e promoção da vida gregária, assume um "abissal antagonismo" com a cultura, que expressa a potência criativa e a afirmação da vida (Moura, 2014, p. 211). Enquanto os grandes momentos da cultura foram "tempos de corrupção" no sentido de ruptura com o que era estabelecido, a civilização, com sua "intolerância para as naturezas mais espirituais e audaciosas", busca a uniformidade e a obediência. (Moura, 2014, p. 211)

É a esta oposição entre cultura e civilização que vale a pena dirigir a atenção, para verificar em que sentido o "animal de rebanho", este produto do laboratório civilizador, exprime a decadência (Moura, 2014, p. 211). Para Nietzsche, o animal de rebanho é o êxito de uma técnica de amestramento que substitui a explosão instintiva

⁴ A definição detalhada desta 'hipótese' nietzschiana, conforme apresentada no § 36 de *Para Além de Bem e Mal*, será o eixo central de análise da seção 4.1 desta pesquisa.

⁵ Essa oposição é central na filosofia madura de Nietzsche. Em *O Crepúsculo dos Ídolos*, por exemplo, ele reitera que o progresso civilizacional, na Europa, é, em essência, um movimento de decadência da vida (Nietzsche, 2017, p. 72).

pela regularidade. Na *Genealogia da Moral*, o autor é enfático ao descrever esse resultado:

Supondo que fosse verdadeiro que agora se crê como “verdade”, ou seja, que o *sentido de toda cultura* é amestrar o animal de rapina 'homem', reduzi-lo a um animal manso e civilizado, *doméstico*, então deveríamos sem dúvida tomar aqueles instintos de reação a ressentimento, com cujo auxílio foram finalmente liquidadas e vencidas as estirpes nobres e os seus ideais, como os autênticos *instrumentos da cultura*; com o que, no entanto, não se estaria dizendo que os seus *portadores* representem eles mesmos a cultura. (Nietzsche, 2009 p. 30-31, grifos do autor).

A linguagem, que no primeiro momento era uma explosão de metáforas intuitivas, se transforma, no processo civilizatório, em um sistema de regras e normas que fixa os limites do pensamento e do comportamento. Assim, ela torna-se o alicerce de uma moralidade que serve aos propósitos de uma sociedade cujo ponto culminante consiste em valorizar a mediocridade e o conformismo.

2.1 A autoridade da moral e a negação da vontade de potência

O homem civilizado ou o "animal de rebanho" é o produto desse laboratório. Ele é forjado para a obediência que se torna o traço fundamental de seu instinto gregário (Moura, 2014, p. 215). Neste ponto, a linguagem deixa de ser apenas descritiva para se torna normativa. O conceito, ao abstrair a singularidade da experiência e exaltar a generalidade, cria uma "medida comum" que nivela os indivíduos em certos sistemas de hábitos. A linguagem, ao registrar conceitos como "bom", "mau", "certo" e "errado", não apenas descreve, mas também prescreve. O que foi convencionalizado como "verdade" agora se torna a base para uma moralidade que exige a submissão.

Essa situação é consolidada pelo que Nietzsche chama de "rebelião escrava", quando a linguagem moral é subvertida para proteger o rebanho:

A rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores: o ressentimento de seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtêm reparação. (Nietzsche, 2009, p. 26).

Os "juízos superiores" que se apossaram da humanidade, segundo Nietzsche, são "juízos de esgotados," por trás dos quais se escondem "tendências destrutivas". Em *O Crepúsculo dos Ídolos*, o autor identifica que esses juízos de valor sobre a vida são, em última instância e fundamentalmente, sintomas de uma fisiologia específica:

Juízos, juízos de valor acerca da vida, contra ou a favor, nunca podem ser verdadeiros, afinal; eles têm valor apenas como sintomas, são considerados apenas enquanto sintomas — em si, tais juízos são bobagens. (Nietzsche, 2017, p. 14-15).

Dessa maneira, a desvalorização da vida promovida pela moral ocidental não se assenta em uma verdade conceitual, mas sim na debilidade orgânica daquele que a enuncia. O "ter por verdadeiro" se torna um reflexo direto do enfraquecimento das forças ativas. É a partir desse enquadramento fisiológico que se torna legível o perfil do indivíduo moldado pela civilização ocidental; em suma, a própria modernidade nada mais é do que a democratização e a secularização desse antigo cansaço dos instintos. Moura (2014) caracteriza com precisão o produto desse processo de atrofia ao delinear o tipo antropológico resultante das chamadas "ideias modernas":

Quem é este homem forjado pelas ideias modernas, este "decadente"? Ele é aquele homem "bom", mas corrompido pelas instituições; o homem que elege a razão como a autoridade; o que canta loas ao "altruísmo", e sempre toma o partido dos "oprimidos". É ele a auto-afirmação da decadência: o animal de rebanho que quer distinguir-se pela moralidade das virtudes de rebanho (compaixão, moderação), pelo "sentimento de coletividade", o patriotismo — enfim, tudo aquilo em que o indivíduo não é levado em conta (Moura, 2014, p. 213-214).

Esses valores não são sinais de elevação espiritual, mas sim de uma falta de vontade de potência. A decadência é o estado em que a vida se volta contra si mesma. É crucial entender, no entanto, que ela não é a negação pura e simples da vontade de potência, mas a sua manifestação em uma forma degenerada e reativa. Em um paradoxo profundo, Nietzsche observa que até mesmo o ideal ascético é uma forma de vontade de potência:

Pois uma vida ascética é uma contradição: aqui domina um ressentimento ímpar, aquele de um insaciado instinto e vontade de poder que deseja senhorear-se, não de algo da vida, mas da vida mesma, de suas condições maiores, mais profundas e fundamentais; aqui se faz a tentativa de usar a força para estancar a fonte da força;

aqui o olhar se volta, rancoroso e pérfido, contra o florescimento fisiológico mesmo, em especial contra a sua expressão, a beleza, a alegria; enquanto se experimenta e se *busca* satisfação no malogro, na desventura, no fenecimento, no feio, na perda voluntária, na negação de si, autoflagelação e autosacrifício. (Nietzsche, 2009, p. 99).

A decadência, portanto, vincula-se à vontade de potência, como se ela voltasse contra si mesma; ou melhor, como ocorre com um instinto de crescimento que se deforma e busca a sua expressão em valores que enfraquecem a vida. Ao contrário da força afirmativa, a moral de rebanho necessita de um "não" externo para se constituir.

2.2 A domesticação do indivíduo e a hipocrisia dos que mandam

A civilização empreende uma domesticação do homem, tornando-o "dócil, previsível, regular e obediente" (Moura, 2014, p. 216). Para Nietzsche, o cristianismo é a grande matriz formadora desse indivíduo obediente. A moral cristã promove a "debilitação" como meio de controle, promovendo um ataque aos fortes:

O cristianismo tomou o partido de tudo o que é fraco, baixo, malgrado, transformou em ideal aquilo que *contraria* os instintos de conservação da vida forte; corrompeu a própria razão das naturezas mais fortes de espírito, ensinando-lhes a perceber como pecaminosos, como enganosos, como *tentações* os valores supremos do espírito (Nietzsche, 2007, p. 12, grifos do autor).

O resultado desse processo é a negação do comando. O homem moderno experimenta uma "necessidade inata de obedecer". Conforme exposto em *Para Além de Bem e Mal*, a obediência foi cultivada por tanto tempo que se tornou hereditária:

Na medida em que sempre, desde que existem homens, houve também rebanhos de homens (clãs, comunidades, tribos, povos, Estados, Igrejas), e sempre muitos que obedeceram, em relação ao pequeno número dos que mandaram – considerando, portanto, que a obediência foi até agora a coisa mais longamente exercitada e cultivada entre os homens, é justo supor que via de regra é agora inata em cada um a necessidade de obedecer, como uma espécie de *consciência formal* que diz: “você deve absolutamente fazer isso, e absolutamente se abster daquilo”, em suma, “você deve”. (Nietzsche, 2005, p. 85).

Essa obediência é tão enraizada que mesmo aqueles que detêm o poder precisam se iludir, agindo como se fossem apenas "executores de mais altos mandos". A linguagem, por meio de conceitos como "bem geral" que condensa um conjunto de relações, sustenta essa hipocrisia. A moral surge aqui como a "teoria das relações de dominação sob as quais se origina o fenômeno 'vida'" (Nietzsche, 2005, p. 24), uma doutrina que trabalha para o nivelamento.

É sobre este solo que trabalham todos os teóricos do "melhoramento". Nietzsche ilustra a falácia desse "melhoramento" com a metáfora da fera no zoológico:

Tanto o *amansamento* da besta-homem como o *cultivo* de uma determinada espécie de homem foram chamados de "melhora": somente esses termos zoológicos exprimem realidades – realidades, é certo, das quais o tópico "melhorador", o sacerdote, nada sabe, nada *quer* saber... Chamar a domesticação de um animal sua "melhora" é, a nossos ouvidos, quase uma piada. Quem sabe o que acontece nas *ménageries* duvida que a besta seja ali "melhorada". Ela é enfraquecida, tornada menos nociva; mediante o depressivo afeto do medo, mediante dor, fome, feridas, ela se torna uma besta *doentia*. – Não é diferente com o homem domado, que o sacerdote "melhorou". (Nietzsche, 2017, p. 40-41).

O trabalho de "melhoramento" é, na verdade, um trabalho de enfraquecimento da vontade. Como já indicamos anteriormente, a linguagem na civilização se torna uma ferramenta de controle que naturaliza a submissão. O próximo passo será examinar como a linguagem constrói a própria "má consciência" do indivíduo, culminando na figura do "pecador", o último estágio do homem domesticado.

CAPÍTULO 3: A MORAL COMO SEMIÓTICA DA CIVILIZAÇÃO: A FORMAÇÃO DA MÁ CONSCIÊNCIA

Uma vez que linguagem é exposta como um conjunto de convenções arbitrárias e a civilização como o projeto de domesticação do "animal homem", a investigação de Nietzsche se volta para a moralidade como o núcleo formador de nossa cultura. A precedência do tema moral na filosofia nietzschiana não é acidental; mais precisamente ele é o "mapa-múndi" privilegiado para analisar a civilização ocidental, pois, em sua constituição fundamental, a moral é uma "semiótica", isto é, uma linguagem de signos que revela os instintos e as tendências de um povo (Moura, 2014, p. 57). Se a civilização é um projeto de formação, a moral é o principal meio para "moldar o homem ao gosto de um poder criador" (Moura, 2014, p. 58). A moralidade não é um epifenômeno, decorrente de uma infraestrutura econômica ou política, mas uma instância formadora que comanda as interpretações do mundo, determinando o que é valorizado e o que é depreciado. Segundo Nietzsche:

As morais são o principal meio para se fazer do homem o que se quer? Nada deve ser mais levado a sério do que os problemas da moral? Deve-se confessar que, para nós, à primeira vista, esse privilégio e esse poder formador atribuído à moral têm algo de assombroso. E, talvez, já por essas afirmações Nietzsche nos pareça um "inatural". Pelo menos para nós, leitores do "outro lado" do século XIX, já suficientemente acostumados a relegar a "questão moral" entre os epifenômenos da "superestrutura". (Moura, 2014, p. 58).

A tese nietzschiana choca-se com o pensamento moderno, que tende a relegar a moral a um segundo plano, priorizando a economia ou a política. No entanto, para Nietzsche, a ausência de "fatos puros" e a primazia da "interpretação" invertem essa lógica. Se as relações e eventos humanos são interpretados, o que influencia e comanda não é o fato em si, mas os ideais interpretativos que operam por trás de qualquer análise (Moura, 2014, p. 59). Antes mesmo de se consolidar como "má consciência", a autoridade da moral se estabelece como tirania dos costumes. Em *Aurora*, Nietzsche define essa gênese:

[...] a moralidade não é outra coisa (e, portanto, não mais!) do que obediência a costumes, não importa quais sejam; mas costumes são a maneira tradicional de agir e avaliar. Em coisas nas quais nenhuma tradição manda não existe moralidade; e quanto menos a vida é determinada pela tradição, tanto menor é o círculo da moralidade. O

homem livre é não-moral, porque em tudo quer depender de si, não de uma tradição [...]. (Nietzsche, 2004, p. 11).

Essa "moralidade do costume" (*Sittlichkeit der Sitte*) é a base da autoridade reguladora que prepara o terreno para a negação do indivíduo em favor do todo social.

3.1 O "Esquecimento de Si" e a Negação do Indivíduo

A moral cristã e os ideais modernos compartilham um mesmo objetivo: a supressão da individualidade. Este ideal de sociabilidade, que Nietzsche rastreia em Rousseau e encontra eco nos socialistas, exige do indivíduo o "esquecimento de si" (Moura, 2014, p. 62-63). A suposta "neutralidade axiológica" de discursos como o "socialismo científico" é, para o filósofo alemão, uma ingenuidade. Nietzsche suspeita que, mesmo quando a moral é declaradamente "excluída", ela retorna de forma sorrateira, pois "os juízos morais cristãos voltam a aparecer nos sistemas socialistas e positivistas" (Moura, 2014, p. 62-63).

Para que uma sociedade seja possível, a particularidade e as inclinações pessoais devem desaparecer em favor do interesse coletivo. A linguagem, como já vimos desde o início deste trabalho, atua como um veículo para essa negação, fornecendo conceitos que valorizam o "sentimento de coletividade" em detrimento do indivíduo. O ideal de "igualdade" não é, portanto, um avanço, mas a perpetuação do "veneno" cristão: uma "herança" que promove o nivelamento e a renúncia aos aspectos singulares da vida em prol de uma sociedade que se quer harmoniosa.

Nesse sentido, a suspeita nietzschiana sobre a moral se estende à especialização das ciências na modernidade e à divisão do trabalho; essa divisão como "parcelamento do homem" e causa de "degeneração física e espiritual" é, para Nietzsche, um eco da moral cristã que avalia a individualidade como um mal a ser exorcizado (Moura, 2014, p. 71).

A crítica à divisão do trabalho como "parcelamento do homem" e causa de "degeneração física e espiritual" é, para Nietzsche, um eco da moral cristã que avalia a individualidade como um mal a ser exorcizado (Moura, 2014, p. 71). A moral, então, não é apenas um guia, mas um juiz do conhecimento e das aspirações no campo das ações. Ela é o instinto de rebanho que, ao dizer "tu deves", busca a anulação da independência individual por meio do ideal ascético. A título de ilustração, o sacerdote

ascético, figura central nessa dinâmica, redireciona o ressentimento para transformar o sofrimento em culpa:

De fato, ele defende muito bem o seu rebanho enfermo, esse estranho pastor – ele o defende também de si mesmo, da baixeza, perfídia, malevolência que no próprio rebanho arde sob as cinzas, e do que mais for próprio de doentes e combalidos; ele combate, de modo sagaz, duro e secreto, a anarquia e a autodissolução que a todo momento ameaçam o rebanho, no qual aquele mais perigoso dos explosivos, o *ressentimento*, é continuamente acumulado. Descarregar este explosivo, de modo que ele não faça saltar pelos ares o rebanho e o pastor, é a sua peculiar habilidade, e suprema utilidade; querendo-se resumir numa breve fórmula o valor da existência sacerdotal, pode se dizer simplesmente: o sacerdote é aquele que *muda a direção* do ressentimento. (Nietzsche, 2009, p. 107-108)

E um pouco mais adiante, ainda no mesmo parágrafo: “[...] ‘Eu sofro: disso alguém deve ser culpado’ – assim pensa toda ovelha doente. Meu pastor, o sacerdote ascético, lhe diz: “Isso mesmo, minha ovelha! Alguém deve ser culpado: mas você mesma é esse alguém – *somente você é culpada de si!*...” (Nietzsche, 2009, p. 109).

3.2 A Má Consciência e o Nascimento do Pecador

O ápice dessa domesticação é o nascimento da má consciência. Em *A Genealogia da Moral*, Nietzsche traça sua origem no processo em que os instintos de liberdade do homem selvagem, impedidos de se manifestarem externamente pelo "enclausuramento" da sociedade e da paz, são introjetados. Esta é a "interiorização do homem":

Todos os instintos que não se descarregam para fora voltam-se para dentro — isto é o que chamo de *interiorização do homem*: é assim que no homem cresce o que depois se denomina sua "alma". Todo o mundo interior, originalmente delgado, como que entre duas membranas, foi se expandindo e se estendendo, adquirindo profundidade, largura e altura, na medida em que o homem foi *inibido* em sua descarga para fora. Aqueles terríveis bastiões com que a organização do Estado se protegia dos velhos instintos de liberdade — os castigos, sobretudo, estão entre esses bastiões — fizeram com que todos aqueles instintos do homem selvagem, livre e errante se voltassem para trás, contra o *homem mesmo*. (Nietzsche, 2009, p. 67).

O homem, ao invés de descarregar seus instintos, passa a atormentar a si mesmo. Nietzsche é enfático ao descrever esse estado como uma "doença", mas uma doença grávida de futuro:

Esse homem que, por falta de inimigos e resistências exteriores, cerrado numa opressiva estreiteza e regularidade de costumes, impacientemente lacerou, perseguiu, corroe, espicaçou, maltratou a si mesmo, esse animal que querem amansar”, que se fera nas barras da própria jaula, este ser carente, consumido pela nostalgia do ermo, que a si mesmo teve de converter em aventura, câmara de tortura, insegura e perigosa mata – esse tolo, esse prisioneiro presa da ânsia e do desespero tornou-se o inventor da “má consciência”. (Nietzsche, 2009, p. 68).

Essa internalização da violência é o mecanismo mais eficaz que o rebanho tem para exercer controle. A moralidade cria a figura do "pecador", aquele que introjeta a culpa e deseja o sofrimento como castigo. O "melhoramento" civilizacional é, na verdade, uma "domesticação" que busca neutralizar a vitalidade. Conforme Nietzsche aponta na *Genealogia da moral*, no § 17 da Segunda Dissertação, a aparição da má consciência não foi um processo gradual, mas uma ruptura violenta: "[...] um salto, um desastre, uma coerção, uma fatalidade inevitável, contra a qual não havia luta e nem sequer ressentimento" (Nietzsche, 2009, p. 69).

O indivíduo, que no início se dissimulava para sobreviver, agora se culpa por existir. A moral é a doutrina das relações de dominação que estabelece um regime de poder sobre a própria vida. Como resume Moura (2014, p. 72): "E se a moral nos domina, a vontade permanece paralisada: o propalado 'esquecimento de si' é idêntico à anulação do princípio da vontade".

A crítica de Nietzsche nos leva a uma questão fundamental: se a moralidade é o veneno que anula a individualidade, o que seria a sua saída? O próximo capítulo examinará a vontade de potência como o instinto de crescimento capaz de dar um novo sentido à existência, para além do domínio da moralidade de rebanho.

CAPÍTULO 4: A VONTADE DE POTÊNCIA: O PRINCÍPIO DE INTERPRETAÇÃO E A SUPERAÇÃO DA DECADÊNCIA

A filosofia nietzschiana, como demonstrado nos capítulos anteriores, é uma crítica dos modos de ser, agir e pensar que pretendem encarcerar a humanidade em quadros fixos e invariáveis, especialmente da linguagem e da moralidade que visam desvelar a decadência da civilização. No entanto, sua filosofia não se encerra na tarefa crítica, uma vez que ela se propõe a uma etapa construtiva: encontrar ou, criar um novo horizonte de interpretação para a realidade.

A vontade de potência não é, pois, apresentada nem como a essência da realidade, no sentido dado a esse termo pela tradição filosófica, nem como o princípio primeiro das coisas, mas - e é por isso que o pensamento de Nietzsche mostra-se como discrepante em relação às perspectivas metafísicas clássicas - ela é apresentada como uma simples interpretação. Nietzsche o destaca com veemência, insistindo até com desenvoltura, sobre o estatuto de hipótese de sua própria leitura. (Wotling, 2013, p. 91).

É nesse ponto que o conceito de vontade de potência se revela. Conforme Wotling, a vontade de potência não é um "fundamento" ou uma "essência" no sentido metafísico, mas a hipótese de leitura que Nietzsche oferece após sua exaustiva investigação filológica sobre a realidade e suas interpretações. Ela é o contraponto à decadência da moral de rebanho, uma via de superação para o homem que se domesticou pela linguagem civilizadora.

A crítica nietzschiana ao idealismo é o ponto de partida. Ao rejeitar a oposição entre "realidade" e "aparência", Nietzsche dissolve o dualismo ontológico que sustentou a metafísica ocidental. O termo "realidade" é esvaziado de seu sentido clássico e passa a ser sinônimo de "aparência" (*Schein*), aquilo que é "imediatamente apreensível e movente". Assim, a vontade de potência não é uma essência oculta da realidade, mas a interpretação que torna essa fluidez inteligível.

4.1 O Corpo como Fio Condutor: Uma Nova Perspectiva de Interpretação Filosófica

Para Nietzsche, a filosofia deve abandonar a busca por fundamentos absolutos e adotar um rigor metodológico filológico. O filósofo alemão escolhe o corpo como o

"fio condutor" de sua investigação, pois, para ele, é um fenômeno "muito mais rico que permite observações mais claras" do que o espírito (Wotling, 2013, p. 96). Essa escolha metodológica é um ataque direto aos dogmatismos da história da filosofia que elegeram arbitrariamente princípios absolutos, tal como, por exemplo, o primado cartesiano do cogito. Ao invés de partir do pensamento consciente, Nietzsche propõe que essa manifestação é apenas uma instância derivada, isto é, um jogo de forças e instintos que se origina no corpo e culmina com a exaltação de operações meramente verbais.

Em *a gaia ciência*, ele dirá:

Pois, dizendo-o mais uma vez: o ser humano, como toda criatura viva, pensa continuamente, mas não o sabe; o pensar que se torna *consciente* é apenas a parte menor, a mais superficial, a pior, digamos: — pois apenas esse pensar consciente *ocorre em palavras, ou seja, em signos de comunicação*, com o que se revela a origem da própria consciência. Em suma, o desenvolvimento da linguagem e o desenvolvimento da consciência (não da razão, mas apenas do tomar -consciência- de-si da razão) andam lado a lado (Nietzsche, 2012, p. 222).

Já vimos como o enlace entre linguagem e pensamento é responsável pela direção da civilização. O importante, neste momento, é enfatizar que predomina nos bastidores desse casamento uma tentativa de manipulação do corpo, cuja origem remonta ao platonismo e que ganhou fôlego com o advento do cristianismo (Nietzsche, 2005). Quer seja em nome do conhecimento, quer seja contra o terreno pecaminoso, o corpo foi amplamente desvalorizado na civilização ocidental. Na contramão, Nietzsche valoriza o seu papel: "O corpo é uma grande razão, uma multiplicidade com um só sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor." (Nietzsche 2011, p. 25). Em suma, o corpo, compreendido como multiplicidade de instintos, uma guerra de aspectos singulares, se caracteriza como devir radical.

Essa nova abordagem "sensualista" permite a Nietzsche construir sua hipótese de leitura. Se a única realidade à qual temos acesso é o corpo, com sua pluralidade de afetos e instintos, é legítimo estender esse modelo para a totalidade do mundo. É o que Nietzsche propõe em *Para Além de Bem e Mal*:

"Vontade" é claro, só pode atuar sobre "vontade" — e não sobre "matéria" (sobre "nervos", por exemplo -): em suma, é preciso arriscar a hipótese de que em toda parte onde se reconhecem "efeitos" vontade atua sobre vontade — e de que todo acontecer mecânico, na medida em que nele age uma força, é justamente força de vontade,

efeito da vontade. - Supondo, finalmente, que se conseguisse explicar toda a nossa vida instintiva como a elaboração e ramificação de uma forma básica da vontade — a vontade de poder, como é minha tese -; supondo que se pudesse reconduzir todas as funções orgânicas a essa vontade de poder [...] então se obteria o direito de definir toda força atuante, inequivocamente, como vontade de poder. (Nietzsche, 2005, p. 40)

A vontade de potência, então, opera como uma analogia que extrapola o corpo para a totalidade do acontecer. Ela se apresenta como a mais econômica das hipóteses, pois obedece à exigência metodológica de interpretar o mundo a partir de um único tipo de causalidade, a causalidade da vontade, em vez de recorrer a múltiplas causas justapostas ou a cadeias mecanicistas rigidamente sistemáticas.

4.2 O "Pathos" da Vontade e a Superação do Homem Decadente

A vontade de potência é, para Nietzsche, um *pathos*, um afeto que se manifesta como "insubstituível aspirar à demonstração de potência" (Wotling, 2013, p. 110). Não se trata de uma força cega, mas de uma força que age sobre outras, que percebe, assimila e, acima de tudo, interpreta. O homem pode encontrar na vontade de potência a via de superação, pois ela é o instinto de crescimento e a força de criação que a moral de rebanho tentou anular.

Diferentemente do homem racional, o "homem que cria" reconhece seu papel na elaboração da própria realidade. No § 301 de *A Gaia Ciência*, Nietzsche explica que o que chamamos de valor não está nas coisas, mas foi colocado nelas por nós:

O que quer que tenha *valor* no mundo de hoje não o tem em si, conforme sua natureza – a natureza é sempre isenta de valor: - foi lhe dado, oferecido um valor, e fomos *nós* esses doadores e ofertadores! O mundo que tem *algum interesse para ser humano*, fomos nós que o criamos! (Nietzsche, 2012, p. 181. Grifo do Autor).

A decadência é a vontade de potência voltada contra si mesma, que advém quando o homem esquece seu poder de criação e se submete a valores estáticos e desgastados. A superação dessa condição exige que a vida assuma sua natureza mutável. Em *Assim Falou Zaratustra*, a própria vida revela seu segredo a Zaratustra:

Onde encontrei seres vivos, encontrei vontade de poder; e ainda na vontade do servente encontrei a vontade de ser senhor. [...] E este segredo a própria vida me contou. "Vê", disse, "eu sou aquilo *que sempre tem de superar a si mesmo*". (Nietzsche, 2011, p. 98).

Nietzsche, ao apresentar a vontade de potência, nos oferece uma saída para crise de valores da civilização e o niilismo. O desafio é o de criar valores, que afirmem a vida em todas as suas facetas. Ela se manifesta na arte, que é a forma mais elevada de vontade de potência, e no homem intuitivo. O "além-do-homem" (*Übermensch*) não é um ideal ou uma entidade final, mas o objetivo de um devir radical, um transbordamento de potencialidades no mundo, ou seja, a afirmação de uma vida que se cria a partir da sua própria vontade de potência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A jornada filosófica percorrida nesta investigação revela que a crítica de Friedrich Nietzsche não se esgota em um exercício de desconstrução, mas serve como alicerce para uma nova compreensão sobre a vida e, em especial, o fenômeno humano. Ao longo deste trabalho, ficou demonstrado que a desconfiança em relação à linguagem é, na verdade, o ponto de partida necessário para a genealogia da moral e o único caminho possível para a superação da decadência civilizatória.

A pesquisa permitiu compreender, inicialmente, que a "verdade" não é um dado objetivo a ser descoberto, mas uma construção antropomórfica. A análise do ensaio de juventude do autor evidenciou que o conhecimento é, no fundo, um exército de metáforas que se petrificaram pelo uso social. Compreende-se que a civilização depende dessa "mentira coletiva": o intelecto humano, para garantir a sobrevivência em rebanho, transmuta a fluidez da vida em conceitos fixos e rígidos, criando uma ilusão de estabilidade que sustenta o campo das ações e, portanto, o mundo social.

Essa desmistificação da linguagem permite avaliar cuidadosamente a crítica nietzschiana à moralidade. Ficou claro que a moral é a face mais coercitiva desse pacto em torno de designações uniformemente válidas e obrigatórias das coisas. Observou-se como a civilização, ao instituir um regime de interpretação normativo, opera um projeto de domesticação do animal humano. A linguagem deixa de ser apenas uma ferramenta de comunicação para se tornar um instrumento de nivelamento, uma vez que a singularidade do indivíduo é sacrificada em nome do interesse do rebanho. O resultado mais dramático desse processo, como investigado no decorrer deste trabalho, é a criação da má consciência: a interiorização da força instintiva que, ao ser impedida de se manifestar, se volta contra o próprio homem, transformando-o em um ser doente e culpado.

Entretanto, o resultado mais significativo deste trabalho foi identificar que a filosofia nietzschiana oferece uma saída afirmativa. A vontade de potência não surge como um novo dogma metafísico, mas como uma hipótese interpretativa que devolve ao homem sua capacidade criadora. Ao interpretarmos o mundo a partir do corpo e dos afetos, deslocamos o eixo da obediência para a afirmação. A vontade de potência é, em última análise, o instinto de crescimento que permite ao indivíduo superar a moral de rebanho e assumir a responsabilidade de criar novos valores.

Para concluir, a crítica da linguagem em Nietzsche legitima um novo modo de existência. Ao desmascarar a natureza metafórica da verdade e o caráter convencional da moral, o filósofo alemão abre espaço para que a vida não seja apenas conservada, mas superada indefinidamente. O legado dessa investigação é a percepção de que a realidade humana encontra sua maior saúde na capacidade de transvaloração: a força de se elevar acima da decadência civilizatória e reafirmar a existência como um exercício de criação e potência.

REFERÊNCIAS

- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- MARTON, Scarlett (org.). *Nietzsche, um "francês" entre franceses*. São Paulo: Editora Barcarolla; Discurso Editorial, 2009. (Coleção Sendas & Veredas).
- MARTON, Scarlett. *Nietzsche, seus leitores e suas leituras*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2010.
- MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. *Nietzsche: civilização e cultura*. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2012.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.
- NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo: maldição ao cristianismo; Ditirambos de Dionísio*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral*. Tradução e organização de Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2008.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos: ou como se filosofa com o martelo*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2017.

MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a verdade*. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

WOTLING, Patrick. *Vocabulário Nietzsche*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

WOTLING, Patrick. *Nietzsche e o problema da civilização*. Tradução de Mário Luiz Ferreira e Maria Lúcia de Mello e Oliveira. São Paulo: Barcarolla, 2013.